

A criança, o museu, o curador e o artista

Fernando C. Boppré

Como uma criança, é possível atravessar a manhã a recolher pedrinhas, plantas, conchas e até mesmo alguns peixes: logo, um aquário. Em um cubo, os elementos recolhidos e ali instalados passarão a funcionar à medida que se relacionem entre si. Não haverá mais, portanto, troca de fluídos com o ambiente. A partir do aquário é possível ver e ser visto. No entanto, aquele que fala do lado de fora não consegue se fazer ouvir no lado de dentro. E vice-versa.

Ou então: a mais rudimentar das operações animais, a captura. Arrasta-se a presa para a teia-casa-reserva técnica. É preciso limpá-la, fixá-la e desenfeitá-la; tirar sua vida ou mesmo, como fazem certos aracnídeos, deixar a presa em estado letárgico, para conservá-la fresca até o momento da ceia.

A profanação é, portanto, a ação fundadora dos aquários e das teias de aranhas. E também dos museus. Provém daí as semelhanças entre museus, cadeias, bibliotecas, cemitérios, zoológicos, arquivos e criptas: são todos quietos, extraordinários e classificados.

*

Museus constituem coleções que se pretendem representativas. Ao estudar seus acervos, no entanto, só se encontram cadáveres. O ponto crítico é que contemporaneamente a lógica aracnídea foi interiorizada pelos próprios artistas: a produção, em boa medida, tem em vista a redenção do trabalho em algum salão, exposição ou acervo. As obras, agora, só funcionam dentro da teia-aquário-cripta. Porém, mesmo ali, ordinariamente, não passam de cadáveres: servem à medida que participam do ritual/velório. Quem não conhece o defunto, pouco se afetará diante à cena. Há algo de patético e desnecessário em todo o velório.

*

Curadores são tão necessários quanto médicos das emergências dos hospitais: é preciso proceder com reanimação dos corpos. Invariavelmente, contudo, acabam tendo que lidar com os cadáveres. Pesquisar, selecionar e dispor de diferentes obras em uma exposição é uma operação fundamental. Neste sentido, as curadorias são vitais. Rompem, pelo menos em parte, com a lógica classificatória: a época, a naturalidade, a autoria, etc. Em parte, já que em relação à autoria, permanece a aura da assinatura, desta vez, investida na própria figura do curador. Há algo de moderno em toda a curadoria, uma importância desmedida naquele que a produz: “Quem traz uma notícia de morte aparece para si como muito importante” (Walter Benjamin).

*

“Trabalho” é o termo ordinariamente utilizado na arte contemporânea para dar conta daquilo que outrora se chamava “obra de arte”. Expressa um pouco do sentimento concertado, grave e conspícuo que se instaurou no circuito artístico. Todos são profissionais, estudaram e/ou se dedicaram muito para executarem seus trabalhos tanto quanto qualquer outro trabalhador e, justamente por isso, esperam o reconhecimento da

sociedade ou, ao menos, da família. O artista, este ser injustiçado por excelência, que há algum tempo se lamentava acerca da incompreensão em relação aos seus sentimentos, agora está aos prantos ao perceber-se excluído do mercado de trabalho.

*

Neste panorama, não se vislumbra nenhuma poética do alto-mar, apenas geografias fáceis de se apreender. Andar na cidade está cada vez mais fácil. Enfim, o hábito cumpriu o seu trabalho.